

Comunidade, caminho para a felicidade

É possível comunidade sem felicidade? Absolutamente não! Pretendê-lo é repetir o modelo social baseado no egocentrismo - logo os seus erros.

Comunidade assenta em comunicação. Esta em comunicação integral. Esta, para existir, em disponibilidade pessoal e colectiva. Processo que se cultiva criando estruturas de diálogo permanente. Mas que só resultam se os seres cultivarem, no seu íntimo, a confiança.

As famílias comunicam, quando comunicam. Comunicando encontram soluções que individualmente não seriam visíveis ou até possíveis. Esta comunicação gera ganhos de diversos tipos. Estes enriquecem o conjunto.

.....

Os casais, que são na verdade comunidades a dois, unem-se movidos pelas leis da atracção. Assumindo-se em paridade edificam, pouco a pouco, as bases em que assenta a construção do lar físico, mas também psíquico e espiritual.

Do equilíbrio das forças do casal depende o equilíbrio do conjunto, por consequência a coesão estrutural da sua pequena comunidade.

Com origem nesta coesão, repercutindo no éter, assim serão atraídas almas de um tipo ou de outro, sendo os “tipos” aqueles que nesse cenário tem cabimento e possibilidade de se exprimirem, por consequência de aprenderem o que vieram aprender.

.....

A sociedade, como um todo, é uma comunidade. Todavia uma comunidade que só se organiza como tal em situações de calamidade. O seu número, quase sempre na ordem dos milhões de indivíduos, dificulta a percepção, por consequência a interacção harmoniosa, das partes que a integram.

Na perspectiva de Agostinho da Silva, todo o agregado com mais de 1000 indivíduos corria o risco de não se conseguir entender, dada a dispersão. De onde preconizar um futuro construído em redor de pequenas aldeias, ou comunidades.

A dificuldade das comunidades assenta no individualismo. Este origina-se no medo da exclusão. A não integração dos indivíduos leva-os a rejeitar o conjunto. A exacerbação do ego, alimentado por experiências traumáticas, tende a multiplicar os factores de desagregação, por consequência a fazer perigar as forças que estão na base da comunidade. As sociedades contemporâneas, e sobretudo os seus bairros periféricos, são um triste exemplo desta realidade.

As sociedades resolverão os seus conflitos na medida em que forem capazes de integrar todos os seus membros. Para tal, o regime de classes sociais baseadas no Ter (por consequência no possuir), deverá ceder lugar ao Partilhar (por consequência ao harmonizar). Processo por hora difícil.

.....

Nas comunidades ditas alternativas dois tipos de forças se manifestam: criatividade e organização. Infelizmente estas forças raras vezes se conjugam nos mesmos seres. De onde a necessidade de se criarem estruturas de diálogo que envolvam o colectivo.

A estas estruturas compete o papel de harmonizar o que de outro modo seria antagónico. Já que os criativos são por natureza adversários de tudo que é organização, e os adeptos da organização dão-se mal, ou rejeitam, o excesso de imaginação dos criativos.

Com o desenvolvimento das comunidades, e sobretudo com a sua multiplicação e interacção, é previsível o aparecimento de seres capazes de unificar criatividade e organização, realizando a síntese. Todavia estes seres só se manifestam por necessidade colectiva.

De onde a mais valia das comunidades ser esse esmeril que transforma a pedra rude no diamante perfeito, o homem em estado natural no discípulo capaz de encarnar e manifestar o egregora colectivo que medeia.

João Crisóstomo
Lisboa, 17 Abril de 2019